

## A RESSIGNIFICAÇÃO DA COMUNIDADE ECLESIAÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA E O USO DE FERRAMENTAS MIDIÁTICAS DIRECIONADAS À PRÁTICA DA LITURGIA NO CULTO E ENSINO CRISTÃO<sup>219</sup>

*The re-signification of the church community in the pandemic and the use of mediatic tools directed Christian liturgy and teaching*

Gleyds Silva Domingues<sup>220</sup>

Reinaldo Arruda Pereira<sup>221</sup>

**Resumo:** O artigo visa analisar o processo de ressignificação da comunidade eclesial no enfrentamento do fenômeno “pandemia”, por meio de sua prática litúrgica e de ensino bíblico. A investigação elege como questão norteadora a seguinte problemática: de que maneira a utilização da tecnologia ressignifica a prática litúrgica do culto e do ensino da comunidade eclesial sem que isso modifique a base bíblica da mensagem a ser comunicada? Para a concretização da investigação, adota-se a pesquisa de natureza bibliográfica, interpretativa e exploratória. Afinal, lida-se com um novo fenômeno que implica a necessidade de desenvolver conhecimentos e aprofundamentos sobre os dados levantados. Isso indica que o viés é introdutório e que pode ser alvo de futuras investigações, no sentido de revisitar as considerações aqui apresentadas. Por certo, o caminho teórico-metodológico eleito intenciona trazer algumas reflexões sobre esse cenário pandêmico e a resposta da comunidade eclesial para seu enfrentamento. Considera-se que não há como escapar deste cenário desenhado; por isso, é preciso que as comunidades eclesiais repensem seus processos, estrutura e organização referentes às práticas litúrgicas e ensino bíblico, no sentido de corresponderem às demandas constituídas, ao mesmo

---

<sup>219</sup> Recebido em 27 de agosto de 2021. Aceito em 11 de novembro de 2021 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>220</sup> Doutora em Teologia. FABAPAR. E-mail: professora.gleyds@fabapar.com.br

<sup>221</sup> Doutor em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação da FABAPAR. E-mail: reinaldoarrudapereira@yahoo.com

tempo que possam aprimorar fluxos e ressignificar a maneira como comunicam e desenvolvem sua missão na realidade social.

**Palavras-chave:** Comunidade eclesial. Virtualização. Liturgia. Ensino bíblico.

**Abstract:** The articles has the purpose of analyzing the process of re-signification of the church community in the face of the pandemic through the practice of liturgy and biblical teaching. The investigation chooses the following: in what way does the use of technology re-signify the liturgical practice of worship and teaching of the church community without modifying the biblical base of the message to be communicated? To carry out the investigation, bibliographic, interpretive and exploratory research is adopted. After all, we are dealing with a new phenomenon that involves the need to develop in-depth knowledge of the data collected. This indicates that this study has an introductory character and that it can be the object of future investigations, in order to revisit the considerations presented here. Certainly, the chosen methodological-theoretical path intends to bring some reflections on this scenario of pandemic and the response of the church community to it. It is considered that there is no way to escape from the sketched scenario, so it is necessary for the church communities to rethink its processes, structures and organization referring to liturgical practices and biblical teaching, in the sense that they correspond to the constituted demands so that, at the same time, they can improve flows and give new meaning to the way they communicate and develop their mission in the social reality.

**Keywords:** Church community. Virtualization. Liturgy. Biblical teaching.

\*\*\*

## Introdução

A realidade social de fato vem alterando a maneira como as relações humanas podem ser estabelecidas e percebidas no contexto social, e isso pode ser atribuído ao processo de globalização, que não apenas atingiu as economias mundiais, mas as dimensões da vida humana, principalmente a prática de comunicar e informar por intermédio do desenvolvimento da tecnologia, suas ferramentas e seus aplicativos. Entretanto, as relações humanas, mais recentemente, foram impactadas pelo fenômeno “pandemia”, e esse vem alterando, de maneira mais acentuada e consistente, o comportamento, as

interações e, sobretudo, as ações e práticas humanas. Não há uma área da vida que não tenha sido afetada por ele.

Uma destas áreas é representada pela dimensão religiosa, uma vez que ela vem sendo atingida pela interrupção inesperada de suas práticas litúrgicas, comunitárias, relacionais e sociais, por intermédio das medidas de restrição e circulação de pessoas em seu espaço de culto. Houve, inclusive, em alguns casos, a determinação do fechamento de templos e atividades eclesiais. E é nessa restrição que as comunidades religiosas se veem obrigadas a repensar a maneira de dar continuidade e atendimento às pessoas que fazem parte delas e outras que são alcançadas e acolhidas por seu serviço eclesial e comunitário.

Não é sem motivo que as comunidades eclesiais se percebem numa zona de desconforto em relação ao cenário vivido com a “pandemia”, principalmente porque precisam sair de uma esfera privada de ação para abrir-se para uma nova realidade em que os seus atos se tornam públicos, ou seja, o seu jeito de ser e posicionar-se no contexto social, por intermédio da publicização de sua prática de fé. Aliado a isso, observa-se o fator de popularidade que passa a ser considerado, em que o status de desconhecido é alterado para personalidade, movido por seu ingresso nas redes sociais e medido pela quantidade de visualizações e *likes* (uma linguagem até pouco tempo não utilizada nas comunidades eclesiais).

Ressalta-se que o primeiro ponto de contato com o público, até então desconhecido, é efetivado pela utilização de aplicativos integrados à Internet e que são considerados o caminho para dar continuidade aos trabalhos afetos à prática eclesial. Mas isso é feito, em muitos casos, de uma forma amadora, visto que muitas comunidades eclesiais não estavam preparadas para viabilizar tal abordagem tecnológica munidas de linguagens, recursos e procedimentos próprios.

É ainda possível observar que, em alguns casos, a forma de abordagem midiática vem alterando, paulatinamente, a maneira como os líderes eclesiais se dirigem aos internautas. E isso se apresenta seja no cenário apresentado, no tema da preleção, no linguajar aplicado ou nas músicas escolhidas. Há a resignificação da prática litúrgica e sua adequação ao que se denomina espaço virtual. É na virtualidade que as comunidades eclesiais repensam a si mesmas, o ensino e a prática litúrgica a ser apresentada.

Esta contextualização é necessária para que se possa constituir o pano de fundo da investigação, a qual adota como objetivo analisar o processo de

ressignificação da comunidade eclesial no enfrentamento do fenômeno “pandemia”, por meio de sua prática litúrgica e de ensino bíblico.

A investigação elege como questão norteadora a seguinte problemática: de que maneira a utilização da tecnologia ressignifica a prática litúrgica do culto e do ensino da comunidade eclesial sem que isso modifique a base bíblica da mensagem a ser comunicada?

Para a concretização da investigação, adota-se a pesquisa de natureza bibliográfica, interpretativa e exploratória. Afinal, lida-se com um novo fenômeno que implica a necessidade de desenvolver conhecimentos e aprofundamentos sobre os dados levantados. Isso indica que o viés é introdutório e que pode ser alvo de futuras investigações, no sentido de revisitar as considerações aqui apresentadas. Por certo, o caminho teórico-metodológico eleito intenciona trazer algumas reflexões sobre esse cenário pandêmico e a resposta da comunidade eclesial para seu enfrentamento. Espera-se contribuir não apenas com as investigações, mas com as comunidades eclesiais, no sentido de apontar possibilidades de práticas a serem efetivadas, sem, contudo, alterar a sua missão precípua de ser povo de Deus.

### **O ato de refletir sobre a reconfiguração da igreja no contexto da pandemia**

Mudar não é fácil. Reinventar-se também não, principalmente quando as mudanças envolvem uma longa trajetória histórica, uma “identidade” ligada à tradição e a um jeito de ser em que prevalece o instituído. Mudar e se reinventar, no entanto, são exigências do tempo em que se vive. São reivindicações do século XXI, uma vez que este período está se tornando cada vez mais complexo e desafiador tanto para os seres humanos quanto para as organizações sociais, incluindo as igrejas.

Para se ter uma ideia dos processos de transformação a que se está sujeito, é possível declarar a ausência de imaginação quanto ao cenário apresentado e vivido no ano de 2020, com a chegada do fenômeno “pandemia”, provocado pelo vírus SARS-CoV-2, e que se tornaria um marco na história recente da humanidade. Com a chegada da COVID-19, que ainda se faz presente no solo brasileiro, o que se ouve aqui e ali é que o mundo e a vida não são mais os mesmos. E, nesse contexto, a discussão que está em pauta nos círculos eclesiais e teológicos é o que será das comunidades eclesiais após a passagem da pandemia.

Com o advento da COVID-19, no mês de março de 2020, algumas expressões passaram a fazer parte do vocabulário cotidiano e da vivência religiosa: coronavírus, pandemia, sindemia, contágio, mortes, primeira, segunda e terceira onda, vacina, insumos, oxigênio, intubação, *lockdown*, auxílio emergencial, culto *online*, “lugar de culto fechado”, igreja virtual, dentre outros. Prestar atenção ao vocabulário, no que tange ao seu uso e seus limites, é tomar consciência do mundo e de si mesmo. Afinal, na compreensão de Wittgenstein<sup>222</sup> (1993), os limites da linguagem utilizada denotam os limites do mundo em que se está inserido.

De fato, a surto do SARS-CoV-2 ampliou ainda mais o que já estava em curso no mundo: uma vertiginosa transformação na cultura, nas instituições sociais e no jeito de ser e de viver de cada um. Isso não significa dizer que está se tornando melhor ou pior, mas sim que a maneira de viver, de conviver com o outro, de agir, sentir, trabalhar e até de “cultuar a Deus” está em transformação. Nesse sentido, pode-se dizer que o ser humano vem se acostumando não só com o isolamento social e com o trabalho *home office*, mas também com a morte de milhares de pessoas.

Aliadas aos enfrentamentos e às mudanças que assolam a realidade social, surgem novas perguntas, tais como: como a comunidade eclesial está se organizando no período da pandemia? Quais são as estratégias de evangelização e discipulado? O que será dela após o período pandêmico? E os cultos, serão só presenciais? Será o culto *online* mais adequado para este tempo em que se vive? Como possibilitar vínculos e pertencas religiosas em meio ao individualismo crescente? De que maneira a igreja pode divulgar seu sistema de crenças e de práticas, manter suas certezas e oferecer esperança em meio às desesperanças numa época em que a vida, o corpo e a morte são apenas dados e números?

Estas são algumas perguntas que a comunidade eclesial precisa enfrentar e responder. Por viver em uma sociedade complexa e em processo contínuo de transformação, em alguns casos, as respostas serão provisórias, apontando para diferentes possibilidades e direções. Por exemplo, a digitalização do mundo trouxe uma série de novidades no jeito de viver das pessoas, o que afeta sua relação com o culto e a organização religiosa. Com isso, a tecnologia e a virtualidade devem fazer parte das respostas, pois, com a pandemia da COVID-19, a digitalização foi intensificada. Não é novidade dizer que as últimas

---

<sup>222</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 1993.

décadas foram marcadas por uma reviravolta comunicacional, uma verdadeira revolução tecnológica.

Quando as redes informáticas começaram a tecer seus fios ao redor do planeta, tornou-se evidente que algo estava mudando de modo radical; e o futuro ainda promete mais consumações dessa metamorfose, que vem se gestando num ritmo cada vez mais vertiginoso de atualizações e mudanças.<sup>223</sup>

Neste contexto de transformação e inovação que atinge a vida humana em todas as suas dimensões, o ser humano está aprendendo a conviver com a tecnologia e a cultura digital. Aprende-se que o virtual, segundo Pieper e Mendes<sup>224</sup>, é uma realidade que tem poder para conectar pessoas em solidariedade material e em compartilhamento de saberes e valores. Corroboram essa afirmação Cattani e Holzmann<sup>225</sup> ao ressaltarem que:

Nenhuma outra dimensão da vida humana passou e continua passando por tão contínuas e profundas mutações quanto o trabalho, na sua organização, nos seus estatutos legais e na sua base tecnológica. [...] E, se em apenas uma década observam-se modificações mais complexas do que aquelas ocorridas ao longo de todo o séc. XX, é provável que nos próximos 10 anos venham a ocorrer mutações extraordinariamente diferentes de tudo o que conhecemos até agora, dada a rapidez das inovações.

Na cultura hodierna, pode-se dizer que acontece a hibridização entre redes sociais, religião, cultos, comunicação, imagens digitais, corpo e múltiplas identidades e subjetividades. Na contemporaneidade, é praticamente impossível pensar ou mesmo enxergar o mundo, a sociedade e as interações entre pessoas e o culto a Deus separados da World Wide Web (WWW) e das sofisticadas tecnologias digitais. Tal impossibilidade indica que a tecnologia, a conectividade, a comunicação *online* e a cultura da imagem ocupam uma centralidade em tudo que se vive, faz, pensa e compartilha, seja para alguém muito próximo, seja para alguém distante.

---

<sup>223</sup> SIBILIA, Paula. *O show do ex: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. p. 19.

<sup>224</sup> PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo. Apresentação. In: PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (Org.). *Religião em tempos de crise*. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020. p. 8.

<sup>225</sup> CATTANI Antonio David; HOLZMANN, Lorena (Org.). *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre: Zouk, 2001. p. 7.

É fato, e não se tem como negar, que a pandemia mudou a realidade da maioria das pessoas e irá mudá-la ainda mais. Aquele modo de ser e de viver, bem como aquele mundo que existia antes dela, conforme Coelho<sup>226</sup>, ficou para trás, ele faz parte de um passado remoto, e quem tentar viver com práticas rígidas, “crenças fechadas e institucionalizadas”, terá problemas para se adaptar.

Defende-se, aqui, que a comunidade eclesial, por sua vez, deve adotar o paradigma revisional e reflexivo, o que lhe assegura revisitar suas ações e práticas, a fim de que possa elaborar um planejamento estratégico assertivo. Ela precisa, ainda, aprender a viver com recursos mais limitados e, mesmo assim, aumentar a empatia, a solidariedade, o amor ao próximo e cultivar uma espiritualidade bíblica, cristã, carregada de esperança. Afinal, são esses os pilares que balizam a sua razão de ser.

### **O redesenho do espaço da comunidade eclesial e sua inserção na esfera virtual**

O maior desafio que a comunidade eclesial tem é avançar em direção a uma lógica que seja, ao mesmo tempo, teológica, bíblica, epistêmica, fértil à vida e à sobrevivência do cosmos. Uma lógica convivencial, interativa, marcada pela axiologia do Reino de Deus e que atenda aos interesses do conjunto da humanidade. Nesta lógica, o espaço da alteridade e o da espiritualidade precisam ser garantidos, e certamente a conjunção entre igreja, teologia e virtualidade tem muito a contribuir.

Nessa perspectiva, a comunidade eclesial e a teologia devem priorizar a relação de Deus com o ser humano, a fé como promessa, a alteridade em sua diversidade, e considerar, tal como afirma Marques<sup>227</sup>, que é possível ter e observar vida no espaço virtual. É por isso que a dimensão da fé deve se fazer presente como promessa, dom e vivência, inaugurando um horizonte da vida para promover o encontro com Deus e com os outros seres humanos.

A comunidade eclesial, no tempo que se chama, hoje, com pandemia, após ou sem pandemia, precisa encontrar um novo desenho, uma nova

---

<sup>226</sup> COELHO, Christian Rocha. Sustentabilidade financeira das instituições de ensino: mudança de comportamentos e valores. In: FRAIMAN, Leo [et. al.]. *O efeito covid-19 e a transformação da comunidade escolar*. São Paulo: FTD; Autêntica, 2020.

<sup>227</sup> MARQUES, Denis Dutra. Cibercultura: existe vida no espaço virtual? A escola católica na era da hiperconexão. *Revista de Pastoral da ANEC*, ano V, n. 07, p. 70-81, 2020.

configuração. Ela deverá viver como o “povo de Deus”, manter o conteúdo bíblico e centralizar a mensagem na fé, na esperança e no amor, pois o Deus que se revelou em Jesus Cristo acolhe e cuida de cada ser humano nas piores situações da vida, mesmo que não se tenha consciência ou não se acredite nisso.

De fato, pode-se dizer que a comunidade eclesial em seus *modus vivendi e operandi*, com a pandemia e o uso extenso e intenso da tecnologia e de plataformas digitais, está em processo de adaptação, ressignificação, transformação e reconfiguração de suas práticas. Esse novo desenho religioso, institucional e eclesial afeta, por um lado, os pastores e a liderança da organização e, por outro, os participantes e simpatizantes.

Um dos desafios da comunidade eclesial, nesta perspectiva, é ter sabedoria para interligar a lógica do culto e do ensino no espaço físico com a lógica do espaço virtual, das mídias e das redes digitais, com suas ferramentas, plataformas e aplicativos. A comunidade eclesial que deseja continuar existindo precisa fazer uso das redes sociais, e, para tanto, conforme Silverstone<sup>228</sup>, não há como escapar da mídia, que está presente no cotidiano de diferentes indivíduos e grupos sociais.

Com a cultura da mídia e das redes sociais, a comunidade eclesial deverá adotar, trabalhar e incorporar duas lógicas – a presencial e a virtual. Para tanto, ela deve se organizar para se tornar uma verdadeira comunidade, aquela que vive pela fé, que cultiva relacionamentos interpessoais e está aberta à conectividade das redes digitais. Ou seja, a igreja-comunidade mantém a pertença e o espírito de comunhão presencial, ao mesmo tempo que usa a mídia e as plataformas digitais para a conectividade com seus integrantes e a sociedade em geral.

Afinal, a vida, a liturgia, o culto e o modo de ser e viver de cada um, não está apenas integrado à cultura digital e às redes sociais, mas, igualmente atravessados por elas. Em outras palavras, as redes sociais são o epicentro do momento, pois se transformaram, conforme Veras<sup>229</sup>, “no novo altar da prece diária”. Nesse sentido, a igreja pode fazer uso das diferentes tecnologias e se constituir e se caracterizar como a comunidade do amor, do perdão, da solidariedade e do discipulado, cuja prática é a imitação do Cristo.

---

<sup>228</sup> SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2012.

<sup>229</sup> VERAS, Marcelo. *Selfie, logo existo: posts psicanalíticos* (baseados em fatos reais). Salvador: Currupio, 2018. p. 249.



A tecnologia com suas plataformas e aplicativos não elimina os princípios da fé, e muito menos o seguimento de Jesus em sua integralidade, o que, conforme Madureira<sup>230</sup>, implica imitar a Cristo e ajudar outros a fazerem o mesmo. Deus é poderoso e pode fazer coisas incríveis através das diferentes tecnologias na vida de muitas pessoas, e não importa se elas se encontram distantes fisicamente.

É com esta abertura de horizonte para a igreja que se pode ampliar a visão do Reino de Deus e afirmar a necessidade de uma teologia visual, segundo Challies e Byers<sup>231</sup>, ou de uma teologia digital. Com a usabilidade das redes digitais, o avanço da midiaticização e seus diferentes aplicativos, a comunidade eclesial poderá vivenciar uma nova experiência eclesial, religiosa e social, o que, na concepção de Drescher<sup>232</sup> (2011), aproxima-se de uma verdadeira “Reforma”<sup>233</sup>, cuja natureza é digital.

A comunidade eclesial com as redes e plataformas digitais, tais como o YouTube, Twitter, WhatsApp, Facebook, Telegram e Instagram, tem novas possibilidades de construção de sentido, de interação e comunicação com os fiéis e, ainda, de fazer circular princípios e valores da fé cristã. É esta a compreensão que a liderança eclesial e pastoral precisa ter ao planejar o redesenho da comunidade eclesial após a pandemia.

O que se quer enfatizar, na verdade, é que a comunidade eclesial, seja como organismo vivo, seja como organização, tem uma nova oportunidade para rever seu jeito de ser, divulgar sua crença, realizar seus cultos e promover o diálogo entre fé, cultura e sociedade. Nessa direção, ela deve ter primazia sobre a organização e sobre toda e qualquer estrutura. E, como tal, investir em pessoas, relacionamentos, discipulado e numa espiritualidade integral e saudável, cuja referência, segundo Catão<sup>234</sup> e Boff<sup>235</sup>, é o encontro pessoal com Deus e a vida

<sup>230</sup> MADUREIRA, Jonas. *O custo de discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2019.

<sup>231</sup> CHALLIES, Tim; BYERS, Josh. *Teologia visual: uma ferramenta inovadora para o estudo de Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

<sup>232</sup> DRESCHER, Elizabeth. *Tweet If You Heart Jesus: Practicing Church in the Digital Reformation*. New York: Morehouse Publishing, 2011.

<sup>233</sup> O termo “Reforma” é usado para se referir a uma profunda transformação tecnológica, comunicacional e informacional, o que se manifesta na forma de uma “revolução” cultural contemporânea que é ampla, complexa e multifacetada, exigindo da igreja a revisão de sua prática e sua interação com as pessoas e a sociedade.

<sup>234</sup> CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009.

<sup>235</sup> BOFF, Leonardo. *Ética e ecoespiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

no espírito de Jesus diariamente. Afinal, o sentido atribuído à igreja é de povo de Deus, comunidade do Deus encarnado, e que pode se encontrar em diferentes ambiências – física e digital.

A comunidade eclesíastica, no tempo em que se vive, mesmo com a experiência conturbada e “traumática” da pandemia da COVID-19, tem o desafio de manter-se esperançosa, confiante e fiel a Deus. Adaptar-se à cultura e às redes sociais, e utilizá-las para se fazer presente na vida do ser humano de múltiplas maneiras e em diferentes tempos e espaços. Esse posicionamento se torna uma demanda de sobrevivência e existência. E, em tudo isso, ela assume a responsabilidade social e a *diakonia* criativa e responsável. A igreja deverá manter-se fiel à Bíblia, à sua missão, na medida em que assume e vivencia na prática os princípios e valores do Reino de Deus. Nessa perspectiva, a comunidade eclesíastica é transformada para transformar e, por estar em constante adaptação ao seu habitat, que é digital, midiático e virtualizado, ela poderá se tornar um espaço de acolhimento, cuidado e consideração afetuosa do ser humano.

Ainda, para o indivíduo que, por estar mergulhado no espaço virtual a maior parte do tempo diário, vive em solidão, isolado e sem relacionamento interpessoal, a comunidade eclesíastica poderá constituir-se em um refúgio espiritual, afetivo e socioemocional e, dessa forma, evitar o surgimento de outras possíveis patologias e epidemias. Em tudo isso, ela tem uma importante função espiritual, educativa e terapêutica, visto que sua missão abarca a dimensão integral, para todo ser humano e para o ser humano todo.

## O espaço virtual, a comunidade eclesíastica e o processo formativo

Ao discutir sobre a relação a ser estabelecida entre o espaço virtual e a comunidade eclesíastica, é preciso demarcar que cada um deles pauta suas ações a partir de uma finalidade bem definida e que está associada à sua razão de ser, porém, ressalta-se que cada um desses espaços contém propostas formativas que podem, sim, ser consideradas. Afinal, esses espaços são constituídos para dar dinamicidade à formação humana.

Define-se a formação humana como um processo contínuo de desenvolvimento e que pode ser delineado, seja por meio da proposta curricular (formal) ou na vida (informal), e permeia a trajetória de aprendizagens e interações efetivadas. Então, é possível pensar, de início, que existem mais aproximações do que distanciamentos entre esses espaços. Dessa maneira, entende-se que

Formação é mais que domínio de conhecimentos em determinado campo disciplinar e aprendizagem de técnicas de ensino ou de pesquisas. [...] Formação é sobretudo exercício permanente de presença ativa no mundo, pensada da perspectiva do compromisso ético.<sup>236</sup>

Dito isto, a primeira aproximação assume o viés do caráter formativo; por isso é que se estabelece uma prática educativa direcionada a um público eleito. Esse público é que dará vida ao processo de ensino e aprendizagem, desenhado na proposta educativa. Isso sugere a presença de um currículo que movimenta essa proposta e que será destinada à formação humana. O currículo pode ser considerado um elemento-chave do trabalho educativo a ser desenvolvido, visando à aprendizagem. Esse trabalho está presente tanto no espaço virtual como no religioso, sendo, nesse último, promovido pela comunidade eclesíastica. Assim, é possível dizer, consubstanciado nos estudos de Alvarado-Prada, Freitas e Freitas<sup>237</sup>, que a formação guarda relação com a aprendizagem, na medida em que envolve diferentes dimensões do conhecimento e da vida, sendo possível sinalizar para a ambiência, interação, perspectiva histórica, social e cultural.

É na ambiência que a formação humana ganha expressividade, principalmente, porque ela não se restringe a processos formais de educação, mas atrai outros espaços, onde é possível desenvolver relacionamentos com a realidade material, espiritual e virtual, constituída de pessoas e objetos.

A partir disso, compreende-se que a formação humana não ocorre em um espaço limitado, mas engloba a vida e as relações que se fazem presentes no contexto histórico e cultural. Diante dessa constatação, observa-se a contribuição de diferentes áreas da vida e do conhecimento como promotoras do desenvolvimento humano, incluindo a área da espiritualidade.

A espiritualidade pode ser entendida como uma dimensão da vida humana e que necessita de atenção e cuidados. Essa dimensão é assumida no âmbito das comunidades eclesíásticas, as quais se debruçam sobre a construção

---

<sup>236</sup> PATTO, Maria Helena Souza. Formação de professores; o lugar das humanidades. In: BARBOSA, L. L. (Org.). *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. SP: UNESP, 2004. p. 77.

<sup>237</sup> ALVARADO-PRADO, Luis Fernando; FREITAS, Thais Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio-ago. 2010.

de uma proposta curricular que atenda as diferentes fases do desenvolvimento humano, que são sistematizadas por intermédio de escolas bíblicas.

Para que ocorra o desenvolvimento da formação humana, estabelece-se que a segunda aproximação entre os espaços virtual e comunidade eclesial diz respeito à presença de uma equipe, que se espera ter competência e habilidade no desempenho de suas atividades. Essa equipe precisa possuir conhecimentos na área de sua atuação, e por tal motivo é possível pensar na presença de uma perspectiva multidisciplinar.

É interessante que na prática religiosa de algumas comunidades eclesiais existe também uma equipe multidisciplinar, contemplando diferentes habilidades, tais como músicos, instrumentistas, professores, preletores, técnicos de som, vídeo e iluminação e, mais recentemente, os comunicadores digitais. Essa equipe é que estrutura e organiza o momento da liturgia a ser vivida no contexto de culto<sup>238</sup>, e, mais especificamente, do ensino efetivado na escola bíblica.

É claro que em comunidades eclesiais de pequeno porte ainda não se conta com uma equipe multidisciplinar para o desenvolvimento de tais atividades, porém isso não pode ser impeditivo para que elas continuem realizando sua missão. Elas, inclusive, reinventam suas ações, utilizando as ferramentas disponíveis e que possibilitam a prática litúrgica e do ensino bíblico. Uma das práticas é a gravação de mensagens e de estudos bíblicos em celulares e a entrega de apostilas para o estudo bíblico desenvolvido. Isso indica que a comunidade eclesial, seja qual for a sua dimensão, faz uso de recursos digitais.

Historicamente, é possível contemplar a presença de tecnologias no âmbito de ação de comunidades eclesiais, desde o impresso, indo ao radiofônico e televisivo e, mais recentemente, até o meio digital<sup>239</sup>. Isso indica que as comunidades eclesiais em suas trajetórias não se distanciam dos recursos, mas eles são meios disponibilizados para a disseminação da mensagem. A tecnologia presente no contexto eclesial, mantendo graus distintos de

---

<sup>238</sup> Culto é a designação utilizada por comunidades eclesiais evangélicas para a prática religiosa que envolve o desenvolvimento de sua liturgia.

<sup>239</sup> Ver os estudos de POLATO, Fábio Sebastião. O uso do rádio e da TV por instituições religiosas - Um fenômeno crescente nos mais variados canais de comunicação. Bauru, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126680/000844146.pdf;sequenc e=1>. Acesso em: 23 ago. 2021.

utilização, conforme a disposição e o investimento atribuídos por cada uma dessas comunidades.

Dito isto, então, assinala-se que a questão que envolve as comunidades eclesásticas não está na utilização dos recursos digitais, mas na alteração inesperada de sua prática litúrgica, que antes era presencial e que passa a ser virtual e, portanto, ressignificada em um curto espaço de tempo. Esse é o estranhamento vivido, por essa prática virtual não ser considerada parte do seu dia a dia e por requerer a instrumentalidade para sua utilização; ou seja, existe uma necessidade de domínio de plataformas, aplicativos e linguagens midiáticas que são mais recorrentes no contexto da virtualidade.

Os estudos de Borelli<sup>240</sup> abordam o contexto da virtualidade, explorado por algumas comunidades eclesásticas. Nele, é dado início ao processo de pensar no ato comunicativo, ou seja, na lógica e nas linguagens aplicadas. Diante disso, ele alerta sobre o discurso empregado, o qual vem impregnado de frases coloquiais e de um conhecimento sem muita profundidade. Isso, de fato, pode gerar um problema, visto que o uso de plataformas ou estratégias midiáticas não significa a perda de identidade e do compromisso com a mensagem. Manter e preservar a mensagem é mais que um propósito, é uma atitude de responsabilidade a ser observada pelas comunidades eclesásticas.

É preciso considerar que uma mensagem bem estruturada e aprofundada – espera-se que seja essa a prática frequente – no ambiente virtual pode ser visualizada em diferentes momentos e ter um alcance geométrico, visto que a informação está acessível a um “click”. São fronteiras sendo vencidas, e sua materialização não requer grandes investimentos. Nisso, a comunidade eclesástica, em tempos de pandemia, pode ganhar com a ressignificação do seu espaço litúrgico. Assim,

Enquanto antigamente o sermão era uma das únicas formas de transmitir essa mensagem, hoje os meios são quase ilimitados. O ministro pode alcançar muito mais pessoas e por muito mais tempo, uma vez que suas mensagens podem ficar disponibilizadas indefinidamente.<sup>241</sup>

---

<sup>240</sup> BORELLI, Viviane. *Midiatização, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião*. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

<sup>241</sup> NEVES, Samuel. *Entre o virtual e o real*. *Revista Ministério*, 25 de maio de 2016. Disponível em:

Na ambiência virtual, o espaço e o tempo ganham novos contornos, uma vez que não são limitados e nem exclusivos. Há um fluxo constante de internautas que são atraídos pelo tema, preletor ou prática litúrgica, envolvendo aqui os ritmos, a melodia e harmonia emanados e os instrumentos utilizados na execução musical. Vislumbra-se uma quebra de paradigmas no âmbito de comunidades eclesiais, na medida em que precisam observar este cenário como uma possibilidade, não como um perigo ou obstáculo intransponível. É preciso ressignificar a sua prática litúrgica de culto e de ensino bíblico. Eis que surge a perspectiva de ultrapassar os muros e publicizar sua mensagem. Afinal, como defende Lévy<sup>242</sup>,

[...] este novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interface a todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade.

É no espaço virtual, denominado ciberespaço<sup>243</sup>, que é possível viabilizar e produzir informações, estabelecer interações e, sobretudo, oportunizar o diálogo; entretanto, é preciso eleger a ferramenta adequada que possibilitará essas funcionalidades de maneira significativa e efetiva. O ciberespaço pode ser entendido como um espaço formativo. Nessa direção, ele

[...] pode ser considerado como um ecossistema de pessoas. Isso significa que somos nós que qualificamos a ambiência digital através de nossas ações. Posso transformar o ciberespaço numa gigantesca biblioteca, num grande santuário, numa sala de reuniões, ou mesmo num lugar onde pratico crimes. Por isso, urge a todos os homens e mulheres de boa vontade que povoem o ciberespaço e o transformem por uma atitude de fé num jardim onde Deus habita.<sup>244</sup>

---

[http://publicacoes.s3.amazonaws.com/materiais/2016/Ministerio\\_3b.pdf](http://publicacoes.s3.amazonaws.com/materiais/2016/Ministerio_3b.pdf). Acesso em: 25 ago. 2021.

<sup>242</sup> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 30.

<sup>243</sup> Ciberespaço é considerado um ambiente de troca de informações e que agrega internautas de distintas procedências, seja geográfica, física, cultural, social ou econômica, dentre outras possibilidades.

<sup>244</sup> SILVA, Aline Amaro da. Cibergraça: a comunhão do Espírito nos tempos da rede. In: *IV Congresso da ANPTECRE. O Futuro das Religiões no Brasil, 2013, Recife*. Disponível em: <https://www.academia.edu/5428605/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Essas ferramentas, quando bem selecionadas, podem ser aplicadas tanto ao contexto de culto quanto ao ensino bíblico a ser desenvolvido. Afinal, elas ajudam no desenvolvimento do conteúdo sobre um tema específico, mas que é efetivado com o olhar da virtualidade, na medida em que podem ser acoplados vídeos, imagens, podcasts (testemunhos ou opiniões), mapas mentais, pesquisa interativa, entre outras possibilidades.

Defende-se a utilização do espaço virtual com uma proposta formativa bem definida. Ele pode trazer significação ao processo de ensino e aprendizagem que se faz presente no âmbito de uma prática litúrgica, isso porque a prática litúrgica é compreendida por momentos de reflexão e ação humanas. A “liturgia é algo que se faz”<sup>245</sup>. E esse fazer precisa ser planejado, estruturado e organizado.

### **O fazer litúrgico relacionado ao culto e ao ensino bíblico pelas mãos das ferramentas digitais**

O fazer litúrgico é uma prática que não pode ser negligenciada, visto que ela atua diretamente no desenvolvimento da fé e porque é por seu intermédio que se estabelece a intencionalidade formativa. Dito isso, já se podem estreitar as relações entre as partes do culto, do ensino bíblico e das ferramentas digitais a serem aplicadas no âmbito das comunidades eclesiais.

Cabe compreender que no processo de construção e exposição de um conteúdo há uma abordagem de educação a distância a ser empregada. Nesse sentido, a mais utilizada pela grande maioria das comunidades eclesiais no fazer litúrgico do culto é a do broadcast, que, segundo Valente<sup>246</sup>, é aquela que não oferece interação e nem possibilita conhecer a maneira como o conhecimento está sendo assimilado e apropriado pelo aprendente. Essa abordagem, contudo, disponibiliza para o aprendente o conteúdo em uma sequência, que se acredita ser gradativa. O aprendente/internauta tem o acesso à informação, selecionando conforme seu interesse de aprender sobre um tema ou conteúdo.

Concorrendo com o broadcast, Valente apresenta como inovação a abordagem do estar junto virtual, pois essa remete à interatividade entre os

---

<sup>245</sup> KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Ed.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. p. 122.

<sup>246</sup> VALENTE, José Armando. O uso inteligente do computador na educação. *Pátio*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 19-21, 1997.

usuários, incluindo o mediador. O estar junto virtual<sup>247</sup>, como o próprio nome sugere, oportuniza a criação de feedbacks e a troca de informações e produção de conhecimento. Talvez essa abordagem do estar junto virtual possa ser aproveitada e aplicada ao ensino bíblico, uma vez que permite a troca em tempo real, além de tirar dúvidas e oportunizar a aproximação entre os sujeitos e o objeto de conhecimento, o que traz significação ao conteúdo ministrado. A significação se apresenta como a porta aberta para a aprendizagem.

A partir da abordagem eleita, é preciso escolher a plataforma digital que abrigará e receberá participantes, preletores e temas de estudo. Essa plataforma precisa ser de fácil acesso, possibilitando a interação entre os seus membros. As plataformas mais utilizadas são gratuitas, e elas acomodam com qualidade os participantes e as ferramentas digitais que podem ser aplicadas, como mapas mentais e conceituais, slides, vídeos, diálogo, seja via chat, podcast ou ao vivo, por meio de perguntas e respostas. Isso revela que o trabalho formativo a ser efetivado “vai depender do bom uso profissional e didático dos recursos que oferecem a tecnologia”<sup>248</sup>.

No contexto do ensino bíblico, ainda, se pode solicitar aos participantes que produzam ou utilizem outros meios digitais, como vídeos, enquetes nas redes sociais, sistematizações em equipe, uso da gamificação, storytelling e discussões sobre diferentes temáticas. Isso promove o crescimento e o desenvolvimento dos participantes, resultando em sua formação. Afinal, a tecnologia, englobando suas ferramentas, é formada por um “conjunto de conhecimentos que permite a nossa intervenção no mundo”<sup>249</sup>. E, ainda, é possível dizer que a tecnologia presente na Internet oferece ao internauta “interações significativas, através dos e-mails, listas de discussão, fóruns, chats, blogs, ferramentas de mensagens instantâneas”<sup>250</sup>.

---

<sup>247</sup> VALENTE, José Armando. Educação a distância: criando abordagens educacionais que possibilitem a construção do conhecimento. In: VALENTE, José Armando; MORAN, José Manuel. *Educação a distância: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2011. p. 1-5.

<sup>248</sup> RUIZ, G. M. P. Tecnología educativa: nuevos retos, nuevas perspectivas. 2003. Disponível em: <http://www.gobernabilidad.cl/modules.php?name=News&file+article&sid=965>. Acesso em: 11 ago. 2021.

<sup>249</sup> SANCHO, Juana Maria (Org.). *Para uma tecnologia educacional*. Tradução de Beatriz Affonso Neves. São Paulo: Artmed, 2001. p. 19.

<sup>250</sup> MORAN, José. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 53.



Aliada à escolha da plataforma digital de ensino e aprendizagem, cabe ainda considerar que é essencial escolher acertadamente os meios e recursos digitais que contribuam na “utilização da tecnologia, dos softwares e seus aplicativos, para auxiliar o aluno a resolver problemas e realizar tarefas que exijam raciocínio e reflexão”<sup>251</sup>. Esse passo é essencial para a construção da proposta formativa a ser efetivada.

Ressalta-se, ainda, a possibilidade de utilizar o ensino híbrido, que é composto de momentos presenciais e virtuais. Nele, ocorre a oportunidade de desafiar o aprendente, por meio de situações-problemas. Isso demonstra que “a combinação da aprendizagem ativa e híbrida com tecnologias móveis é poderosa para desenhar formas interessantes de ensinar e aprender”<sup>252</sup>. Isso ocorre pela infinidade de meios e recursos produzidos para serem disponibilizados no contexto da formação. Surge, aqui, a possibilidade de o ensino ser desenvolvido por meio de aplicativos, celulares e smartphones. Eles podem favorecer a ressignificação da prática formativa a ser efetivada.

De fato, vive-se uma época aberta para inovar o processo formativo, e isso não pode ser atribuído somente ao fenômeno “pandemia”, mas ao próprio desenvolvimento de tecnologias da informação e comunicação. Sobre essas e outras inovações é possível que se venha a discutir em outro momento. Aqui, a intenção se volta a analisar e apresentar as possibilidades de mediação por intermédio das ferramentas digitais, mantendo a essência da mensagem, ou seja, sem contaminá-la, alterá-la ou adaptá-la às circunstâncias. Afinal, a mensagem é o elemento motivador da prática litúrgica do culto e do ensino bíblico.

Quando se pensa em ferramentas digitais direcionadas à prática litúrgica do culto e do ensino bíblico, o que se tem em mente é um mar de possibilidades a ser desvelado. Para tal, é essencial que a comunidade eclesial esteja aberta para experimentar, produzir, criar e inovar a maneira como ela comunica a sua mensagem. É claro que o fenômeno “pandemia” acelerou o processo de ressignificação que ela atravessaria, devido à influência da virtualização e digitalização verificadas no contexto social.

Não cabe aqui tecer juízo de valor quanto à aplicabilidade de ferramentas digitais na prática litúrgica, no que concerne a cuidados e perigos; antes, é preciso identificar sua relevância e contribuição no processo formativo e de

---

<sup>251</sup> VALENTE, 1997, p. 20.

<sup>252</sup> MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YATEGASHI, Solange et al. (Org.). *Novas tecnologias digitais: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento*. Curitiba: CRV, 2017. p. 1.

comunicação da sua mensagem. Quanto a isso, não se tem dúvidas quanto ao seu valor e impacto causado na vida dos que são alcançados por tais recursos midiáticos.

### Considerações finais

Existe uma relação próxima e estreita entre sociedade, cultura e as comunidades eclesiais, com suas atividades oferecidas. Essa afinidade, pode-se dizer, é histórica, e atualmente, com o advento das tecnologias digitais, é ampliada cada vez mais. Há, de fato, uma influência significativa dos processos socioculturais nas organizações religiosas, especialmente, com a sindemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2 e a necessidade de isolamento social. A pandemia do coronavírus está transformando a vida, o jeito de ser e a prática de muitas igrejas, e isto de diversos modos e formas.

Neste contexto, que é profundamente novo, complexo, digital, “midiático” e inovador, é visível a transformação que vem ocorrendo em algumas comunidades eclesiais. Daí a importância de se refletir sobre a reconfiguração da igreja no contexto da pandemia, o redesenho do espaço da comunidade eclesial e sua inserção na esfera virtual, o processo formativo e ainda o fazer litúrgico relacionado ao culto e ao ensino bíblico com a utilização das tecnologias digitais.

É inegável que, neste tempo de profunda incerteza, medo e insegurança, como o que se vive, as ferramentas tecnológicas constituem grandes aliadas para as comunidades eclesiais e sua liderança. Com a usabilidade das tecnologias digitais, o grande perigo, o risco maior, para a liderança eclesial, no entanto, é se deixar levar pela exacerbação do individualismo e personalismo, que, segundo Ehrenberg (2011)<sup>253</sup>, pode redundar no culto da performance na era do heroísmo espetacularizante.

E, de fato, as comunidades eclesiais, nas suas múltiplas expressões, se veem desafiadas a serem mais ousadas, “inventivas” e “criativas”, no sentido de repensarem a si mesmas, sua liturgia, estratégias missiológicas e interação com aqueles que participam ativamente de suas memórias, sobretudo, sem perder sua fidelidade à Bíblia e aos princípios do Reino de Deus.

---

<sup>253</sup> EHRENBURG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011. p. 197.

No que tange à cultura digital, com suas plataformas e aplicativos, há igrejas que estão atentas às tendências das mídias sociais, e estas comunidades eclesiais consolidam sua presença no mundo virtual. Isso mostra que as organizações religiosas “observam” o que ocorre ao seu redor no campo social, político, cultural, tecnológico e “espiritual” e articulam atualizar sua pauta de trabalho e responder com relevância às transformações processadas na sociedade.

Reconhece-se, assim, que a ambiência virtual, o ciberespaço, para usar a terminologia de Lévy (2008)<sup>254</sup>, não é um mundo paralelo à vida, pelo contrário, é parte do cotidiano da maioria das pessoas, ocupando certa centralidade. É com este reconhecimento que se buscou responder, neste trabalho, de que maneira a utilização da tecnologia ressignifica a prática litúrgica do culto e do ensino da comunidade eclesíastica, sem que isso modifique a base bíblica da mensagem a ser comunicada.

As comunidades eclesíásticas que querem sobreviver, manter sua relevância e desenvolver seus programas de forma qualitativa e abrangente, para pessoas de todos os lugares e em todo tempo, precisam se engajar na cultura digital e fazer uso responsável, respeitoso, criativo das tecnologias digitais, seja no contexto da pandemia ou não. Este é um caminho sem volta. É preciso que as comunidades de fé repensem seus processos, estruturas, sua interação e comunicação com os fiéis e, também, com a sociedade. Nesse sentido, faz-se necessário, ainda, repensar a organização das práticas litúrgicas e o ensino bíblico e ressignificar o jeito de ser, viver e desenvolver sua missão no contexto da sociedade contemporânea.

Uma vez que este artigo é resultado de uma investigação exploratória, futuramente outras discussões poderão ser desenvolvidas, e é o que nos propomos a fazer. Assim, ao focalizar-se este novo fenômeno social e religioso, que é a relação entre a pandemia da COVID-19 e o isolamento social e a comunidade eclesíastica e sua demanda de ressignificação, de seus cultos e ensino, novas reflexões e diferentes conhecimentos deverão ser realizados e acrescidos a esta discussão inicial.

O objetivo desta investigação foi alcançado, contribuindo com as comunidades eclesíásticas, sugerindo não só possibilidades de novas ações e práticas, mas a ressignificação de sua relação com as pessoas, no tempo e no espaço, seja o presencial, seja o virtual. O mais essencial em tudo isso, e que é

---

<sup>254</sup> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 32.

basilar às comunidades de fé, é cultivar e empreender sua missão no mundo, que, de acordo com Boff (1994)<sup>255</sup>, caracteriza-se e define-se em ser o povo de Deus.

Para tanto, as comunidades eclesíásticas do nosso tempo, cujo nome é contemporaneidade, deverão: ressignificar sua noção de comunicação, interação e pregação com uso das ferramentas digitais; oferecer franca acessibilidade, alcançar elevada visibilidade; experimentar uma liturgia, cultos e adoração dinâmicos e, ainda, viver a vida cristã em consonância com o Reino de Deus. É este o redesenho que deverá fazer parte da comunidade eclesial no contexto da pandemia e em sua inserção efetiva na esfera virtual.

## Referências

ALVARADO-PRADO, Luis Fernando; FREITAS, Thais Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio-ago. 2010.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994.

BOFF, Leonardo. *Ética e ecoespiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BORELLI, Viviane. Mídiateização, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (Org.). *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CHALLIES, Tim; BYERS, Josh. *Teologia visual: uma ferramenta inovadora para o estudo de Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

COELHO, Christian Rocha. Sustentabilidade financeira das instituições de ensino: mudança de comportamentos e valores. In: FRAIMAN, Leo [et. al.]. *O efeito covid-19 e a transformação da comunidade escolar*. São Paulo: FTD; Autêntica, 2020.

---

<sup>255</sup> BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994.



DRESCHER, Elizabeth. *Tweet If You Heart Jesus: Practicing Church in the Digital Reformation*. New York: Morehouse Publishing, 2011.

EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Ed.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. p. 122-129.

LÉVY, Piérre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2008.

MADUREIRA, Jonas. *O custo de discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2019.

MARQUES, Denis Dutra. Cibercultura: existe vida no espaço virtual? A escola católica na era da hiperconexão. *Revista de Pastoral da ANEC*, ano V, n. 07, p. 70-81, 2020.

MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEHASHI, Solange et al. (Org.). *Novas tecnologias digitais: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento*. Curitiba: CRV, 2017.

MORAN, José. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 1-5.

NEVES, Samuel. Entre o virtual e o real. *Revista Ministério*, 25 de maio de 2016 Disponível em:

[http://publicacoes.s3.amazonaws.com/materiais/2016/Ministerio\\_3b.pdf](http://publicacoes.s3.amazonaws.com/materiais/2016/Ministerio_3b.pdf). Acesso em: 25 ago. 2021.

PATTO, Maria Helena Souza. Formação de professores; o lugar das humanidades. In: BARBOSA, L. L. (org.). *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: UNESP, 2004. p. 61-78.

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo. Apresentação. In: PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (Org.). *Religião em tempos de crise*. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020. p. 7-10.

POLATO Fábio Sebastião. O uso do rádio e da TV por instituições religiosas - Um fenômeno crescente nos mais variados canais de comunicação. Bauru, 2015. Disponível em:

- <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126680/000844146.pdf;sequence=1>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- RUIZ, G. M. P. Tecnología educativa: nuevos retos, nuevas perspectivas. 2003. Disponível em: <http://www.gobernabilidad.cl/modules.php?name=News&file+article&sid=965>. Acesso em: 11 ago. 2021.
- SANCHO, Juana Maria (org.). *Para uma tecnologia educacional*. Tradução de Beatriz Affonso Neves. São Paulo: Artmed, 2001.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SILVA, Aline Amaro da. Cibergraça: a comunhão do Espírito nos tempos da rede. In: *IV Congresso da ANPTECRE. O Futuro das Religiões no Brasil*, 2013, Recife. Disponível <https://www.academia.edu/5428605/>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- VALENTE, José Armando. Educação a distância: criando abordagens educacionais que possibilitem a construção do conhecimento. In: VALENTE, José Armando; MORAN, José Manuel. *Educação a distância: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2011.
- VALENTE, José Armando. O uso inteligente do computador na educação. *Pátio*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 19-21, 1997.
- VERAS, Marcelo. *Selfie, logo existo: posts psicanalíticos (baseados em fatos reais)*. Salvador: Currupio, 2018.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 1993.